

SUPLEMENTO

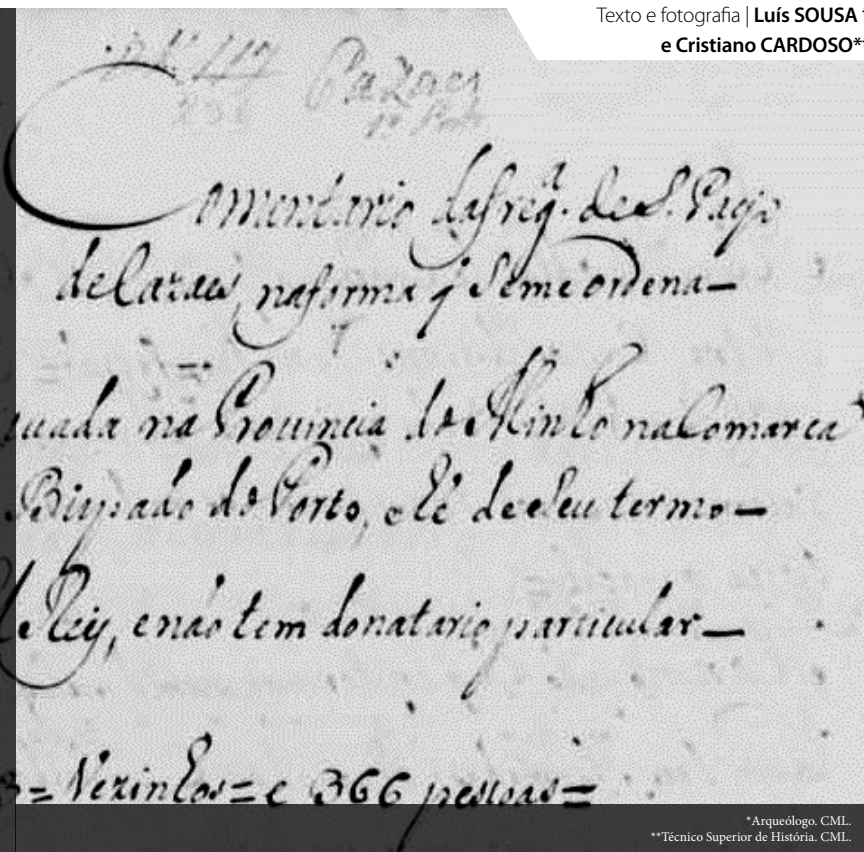
DO PATRIMÓNIO

São Paio de Casais em 1758: memória paroquial, toponímia e património

Na senda dos anteriores artigos dedicados às Memórias Paroquiais do concelho de Lousada, detemo-nos presentemente na divulgação de mais um relevante inquérito setecentista, desta feita concernente à paróquia de São Paio de Casais, assinado pelo relator, o padre Manoel de Azevedo Freire, a 8 de Abril de 1758.

Ainda que se trate, por comparação com outros inquéritos às paróquias lousadenses, de uma curta memória, até porque o memorialista não prestou qualquer interesse à parte da «Serra», - "que não tem" -, esta, todavia, abarca um conjunto de aspetos relacionados com a vida socioeconómica. Desde logo perspetivam um quadro de certa similitude com as congéneres freguesias do concelho de Lousada no período indicado, mas simultaneamente nos coloca perante variados dados que apenas dizem respeito ao contorno espacial de Casais. Lançam-se, assim, os fundamentos para novas interpretações sobre a "alma" de São Paio de Casais em meados do século XVIII.

Texto e fotografia | Luís SOUSA *
e Cristiano CARDOSO**



*Arqueólogo, CML.

**Técnico Superior de História, CML.

CASAIS

A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

A referência mais antiga que se conhece, pretensamente, relativa à igreja de Casais não é consensual e deverá ser observada com profundas reservas. Encontra-se num documento datado de 1107 referente a uma doação de diversas propriedades que Ermesenda Trastemires fez ao mosteiro de Alpendorada (Marco de Canaveses). A parte do texto que interessa para o presente assunto diz o seguinte: *Et de illa parte Tamice, in ripa Sausella IV. de Villa Nova, et IV. de illa Ecclesia, vocabulo Sancti Palagii* [...] – em que se refere uma propriedade em Vila Nova e a quarta parte dos direitos sobre um igreja de São Paio situada além do Tâmega em *ripa Sousela* (fórmula de identificação geográfica comumente usada na Idade Média para referir a área do curso superior do rio Mezio).

Pelo menos dois reputados autores evidenciaram dúvidas e até alguma confusão na identificação da igreja mencionada. Domingos A. Moreira apresenta o excerto documental como tratando-se de São Paio de Casais, contudo, no mesmo trabalho, reproduz a mesma referência quando trata da freguesia de São Paio de Favões. Por seu turno, José Mattoso também revela hesitações. Num primeiro momento identifica esta passagem documental com São Paio de Favões, no entanto, quando pretende cartografar a distribuição

do património do cenóbio de Alpendorada, localiza São Paio de Casais.

A adoção do orago São Paio, santo mártir muito venerado na Península Ibérica, permite-nos um balizamento cronológico para a dedicação da igreja de Casais, pois o martírio deste santo ocorreu por volta do ano 825. A referência documental mais antiga à igreja, que não suscita dúvidas, remonta ao ano de 1175, permitindo-nos situar a sua fundação entre os séculos IX e XII. A sua fundação deveu-se a motivação particular de cavaleiros instalados ou com posses nesta região.

Nas Inquirições de 1258 a igreja aparece na posse do mosteiro de Roriz, que a obtivera de cavaleiros por doação, e de herdutores. Mais tarde o mosteiro de Vilela viria a assegurar a outra metade dos direitos sobre a igreja de São Paio de Casais, ficando este direito a ser exercido em regime de compadroado entre os dois cenóbios. Em 1706 esta situação mantém-se,

conforme assegura Carvalho da Costa, contudo, em 1758 o pároco de Casais afirma que a apresentação pertence ao Papa e à Mitra do Porto, enquanto a *Estatística Paroquial* diz tratar-se de apresentação alternativa do Papa, da Mitra e dos Cônegos Regrantes, discrepâncias que poderão indiciar algum tipo de diferendo entre instituições relativamente ao direito de padroado. Embora mereça mais aprofundado estudo, estas dúvidas sobre o exercício do direito de padroado poderiam resultar da anexação de Roriz, no século XVI, ao Colégio de São Paulo de Braga, e ter como epílogo a política pombalina em relação à Companhia de Jesus.

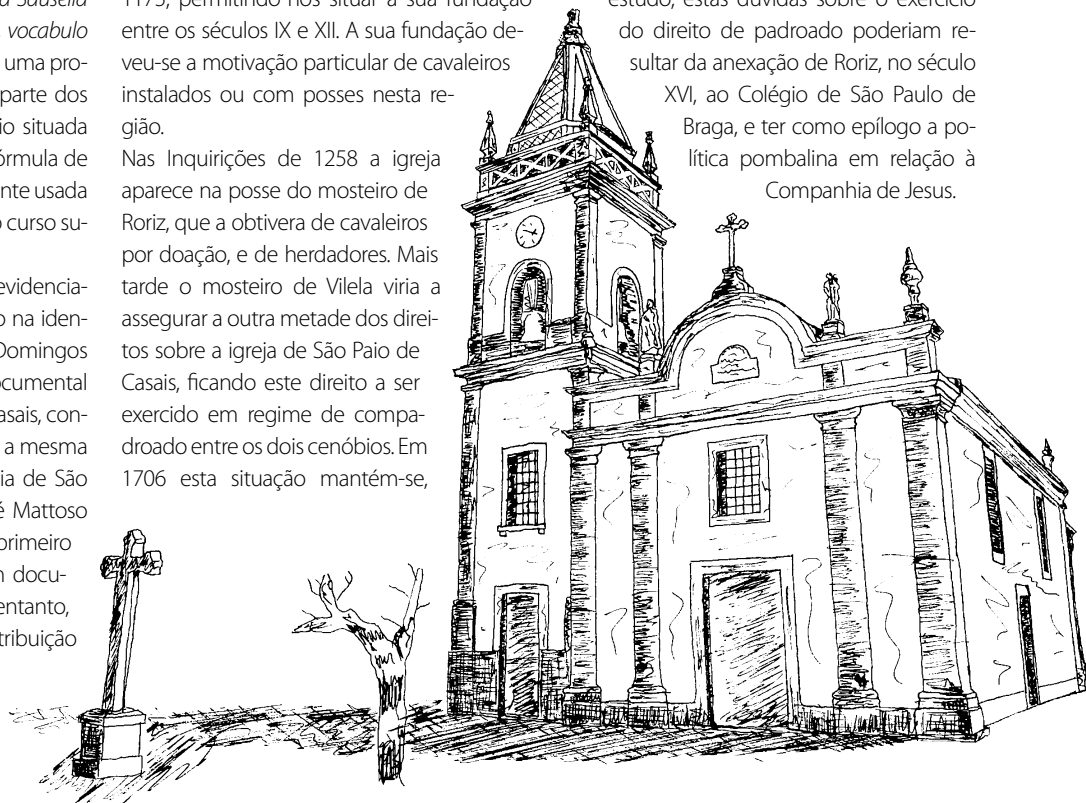


Figura 1 - Igreja de Casais

MEMÓRIA PAROQUIAL DE CASAIS: TRANSCRIÇÃO

Comentário da freguesia de S. Paio de Cazaes, na forma que se me ordena. **1.** Hé situada na Provincia do Minho, na comarca de Panafiel, Bispado do Porto, e hé de seu termo. **2.** Hé de El Rei, e não tem donatário particular. **3.** Tem 103 vezinhos e 366 pessoas. **4.** Está situada no valle chamado Ribeira de São Christovão, o qual tem seu principio no declive fundo do monte e serra de Barrozas, aonde está huma cappella do dito santo, e hé freguesia de Souzaella. E finaliza na de Paço de Souza, com extensão de duas grandes legoas. **5.** Consta de moradias vezinhas, com separação que devidem os predios de cada morador. **6.** Está a residencia parochial e a igreja, e paçal della em meio da freguezia, cujas moradias chamadas aldeias são, Courella, Hortas, Recanto, Paço, Sarradello, Bairro, Cazaes, Villa Nova. **7.** Hé orago desta freguezia São Paio martir, e está sua immagem collocada no altar da cappella mor. E tem esta igreja dous altares collaterais, hum do Santo Nome, com sua immagem, e outro da Senhora da Conçolação, com sua immagem, e hé preveligiado com bulla. **8.** Hé abbadia de concurso que apresenta o Papa e a Excelentissima Mitra, cujos dizimos de milho, feijão, centeio, painço, milho, vinho verde, frutas e criações de gado miúdo, valem, anno por anno, trezentos mil reis, entrando o que frutifica o paçal. Ao **nono** não há que informar, nem dos seguintes até **13.** **13.** Tem três hermidas, chamadas cappellas, a saber, hua do Calvario com a immagem de Christo, pouco distante da igreja. Outra perto da mesma e hé de Santo Antonio, com immagem sua. Outra da Piedade, com imagem da Senhora, situada na aldeia de Sarradello. E todas erectas pela devoção e zello dos freguezes que as vezitam, conforme o seu fervoroso acatamento, e nellas ouvem missa. **14.** Fazem os freguezes festa a Santo Antonio, na dita cappella, com missa cantada e sermão, no mês de Junho, e a Senhora da Piedade, Octavo da Paschoa, não por obrigação, mas sim por devoção. **15.** A frutificação maior desta freguezia hé milho groço, chamado milho e vinho verde. **16.** Tem ouvidor ordinario sugeito ao juizo da correição da comarca do Porto. **17.** Hé esta freguesia do concelho de Aguiar de Souza, com seu ouvidor ordinario, como fica declarado. **18.** e **19.** Nada. **20.** Serve-se do correio da villa de Arrifana de Souza, donde dista hua legoa. **21.** Dista esta freguezia sinco legoas e meia da cidade do Porto e da de Lisboa, sincoenta e sinco. **22.** **23.** **24.** **25.** **26.** **27.** Não há que informar, nem da serra que não tem. **Rio. 1.** Com movimento vagaroso corre pelo meio desta freguezia de Norte a Sul o rio chamado Mezio, que tem seu nascimento no fundo

da serra de Barrozas, no destrito da freguesia de Souzaella, que hé do Arcebispado de Braga. **2.** Nasce do centro e fundo da dita serra lemitado ribeiro, e no mesmo sitio se metem nelle três fontes perenes, que o constituem regato corrente em todo o anno. E se chamam as três fontes e seu principio por se desentranharem no alicerce de hua hermidada de Santa Agueda, aonde se faz romaria populosa annualmente, em 5 de Fevereiro. **3.** Reforça-se sua corrente a hu coarto de legoa, na freguesia de S. João de Covas, com outro regato igual resumido de nativas de tal freguesia e da de Figueiras chamado ali rio de Mezinhas. E junto dahi athé onde entra no rio Souza, se vai augmentado por onde passa com manancias limitadas que o constituem rio piqueno, mas muito aprazivel em seu curso, que em qualquer parte se atravessa de cavallo, mas não de pé sem molhar ambos os gielhos, em largura de 40 athé 50 palmos. Do **4.** **5.** e **6.** Não há que informar, mais do referido, pois corre de Norte a Sul sempre vagaroso por entre campos, arvoredos, lameiros e planicie. **7.** Cria escalos, vogas, eirós, como lampreias e belas trutas de três palmos alguas, sendo a maior abundancia de vogas e escalos, mais para regalo que fartura do povo. **8.** Em todo o anno se pesca, excepto nos mezes da criação, e no sitio melhor mais facilmente. **9.** Hé commua a pescaria em toda a sua extensão. **10.** Toda a sua margem tem cultura, desde hum coarto de legoa de seu nascimento athé onde finaliza, e sempre circulado de carvalhos, salgueiros, castanheiros e amieiros com suas vides. **11.** Nada. **12.** Sempre teve o nome de Mezio, não há noticia de outro que tivesse. **13.** Entra no rio chamado Souza, entre as freguezias de Bittarais e da villa de Arrifana de Souza. E donde nasce athé que finaliza corre em distancia de duas legoas. **14.** Em toda sua extensão tem assudes, em que se repreza agoa para muinhos e para regar. **15.** Tem três pontes de cantaria, hua na freguezia de Novogilde, outra na de Beire, outra na de Bittarais. E que de padieiras e traves de pao e de pedra em toda a sua extensão distando hua da outra, pouco mais de hum tiro de mosquete, para uso da cultura e da comunicação. **16.** Tem somente muinhos de milho. Ao **17** não há que informar. **18.** Uzam os cultores livremente de suas agoas, sem penção, mas em poucas partes porque corre por pelancia. **19.** Dista seu termo duas legoas ordinarias do seu nascimento, e corre por 9 freguezias, Souzaella, São João de Covas, Santa Eulalia, Christello, São Paio, Novogilde, Beire, Lodares, Bittarais. Ao **20** nada, nem acho mais couza essencial que informe. S. Paio de Cazaes, 8 de Abril de 1758. Manoel de Azevedo Freire.

TOPONÍMIA, PATRIMÓNIO E PERSONALIDADES

TOPONÍMIA

Denominação (antiga-1758/actual)	Nota etimológica/Ref ¹ , bibliográficas/Observações
Bairro	Topónimo frequente, sobretudo no Norte de Portugal. Indica por vezes povoação, aglomerado, etc. Assinala, no contexto da freguesia de Casais, um lugar composto por casario junto, que se perfila ao longo da atual Estrada Nacional EN106-1 e que se desenvolve para caminhos transversais de acesso local.
Cazaes/Casais	Plural do singular masculino «Casal». Topónimo frequente, abundantemente documentado na Idade Média. Por casal entende-se uma unidade agrícola composta pela habitação e por outras estruturas como a adegas e lagar, celeiro ou palheiro, cortes para animais e lojas para recolha de alfaias agrícolas. Trata-se da composição rural que melhor caracteriza a exploração da terra no entre Douro e Minho. O termo «Casais», pelo qual é assim denominada a freguesia, exprime porventura o invulgar número daquelas unidades rurais já na Baixa Idade Média, período de que chegaram até nós as mais recuadas fontes escritas onde vemos mencionado o nome da paróquia.
Courella /Courela	Este topónimo surge em grande número um pouco por todo o país ainda que se encontre com mais frequência nas regiões de entre o Vale do Tejo e Sul do Alentejo. Do singular feminino Courela, do latim «quadrela». Surge em alguma documentação medieval sob a expressão «Coirela». Significa pequena parcela de terra arável, isto é, onde pode ser praticado cultivo. O termo denominava igualmente uma antiga medida agrária.
Hortas	Topónimo frequente em Portugal e na Galiza. Do singular feminino horta. Na Idade Média surge com a grafia «Orta». J. P. Machado (1993, I: 785) refere que alguns autores consideram ter também uma origem geográfica, que o mesmo refuta. Por horta tem-se um lugar onde usualmente se cultivam hortaliças e legumes. Num passado recente eram os campos próximos, ou mesmo pegados, à habitação.
Paço	Topónimo muito frequente no Norte de Portugal e Galiza. Do latim palatium - «palácio». Na Idade Média expressava a residência senhorial do proprietário de uma quinta ou vila. Neste período surge frequentemente documentado sob a forma de Palacio, Palatio, Palatjo, etc.
Recanto	J. P. Machado (1993, III: 1246) aponta a sua presença em várias localidades portuguesas, entre as quais se encontra Lousada. Expõe apenas derivar do singular masculino Recanto.
Sarradello/Sarradelo	De origem indeterminada, será, porventura, uma forma derivada de Cerrado. J. P. Machado (1993, I: 394) considera apenas que se trata de um topónimo frequente em Portugal e no Brasil e que aparece erradamente grafado como Serrado. Julgamos, tal como J. P. Machado, que o topónimo aparece erradamente grafado e que de facto expressará um terreno, um campo ou uma determinada parcela de uma propriedade que se encontra cercada/lechada por densa vegetação ou muros.
Villa Nova/Vila Nova	Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal. O adjetivo «Nova» surge aqui como indicativo do que é recente ou por oposição de uma outra Vila, mais antiga. No Portugal antigo também designava a parte inicial ou central de uma cidade.

Anotações etimológicas dos termos apresentados segundo a obra de A. de Almeida Fernandes – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999 e de José Pedro Machado – *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. 3 Volumes, 2ª edição. Livros Horizonte/Confluência, 1993.

PATRIMÓNIO

CAPELAS

O pároco de Casais menciona a existência de três ermidas ou capelas dentro dos limites da sua paróquia. A de Santo António, muito próxima

da igreja, na qual se fazia festa no dia do santo, em junho, com missa cantada e sermão. Nas proximidades desta, refere a pequena capela do Calvário, onde culminava uma via-sacra composta por vários cruzeiros em pedra. Por fim, identifica a capela de Nossa Senhora da Piedade, do outro lado do rio Mezio, a alguma distância do núcleo mais central da localidade, fazendo-se aí uma celebração no oitavo dia da Páscoa. Todas estas capelas haviam sido erguidas pelo povo da freguesia, por devoção, não tendo, portanto, administrador particular. Atualmente, a capela de Nossa Senhora da Piedade é particular da Casa e Quinta da Tapada, por acordo entre a paróquia e os antigos proprietários desta casa, na sequência da restituição dos bens culturais nacionalizados na I República.

CAPELA DO SENHOR DO CALVÁRIO

Esta capela está situada no topo de uma elevação de acesso muito íngreme, ao longo do qual se ergue um conjunto de cruzeiros que constituem os catorze passos da Via-Sacra, representando a Crucificação de Cristo no Monte Calvário. Embora não haja dados concretos, cronologicamente, podemos apontar a construção desta capela para a primeira metade do século XVIII, obra cuja arquitetura se aproxima do difundido estilo chão.

Trata-se de uma construção muito equilibrada e harmoniosa que adota uma frontaria pentagonal, decorrente da eliminação do vértice da empena, que liberta uma superfície plana sobre a qual assenta um elegante campanário encimado por uma cruz em pedra. O entablamento, sobre o eixo dos cunhais, é rematado por pináculos. Apesar das dimensões reduzidas, o equilíbrio arquitetónico do conjunto resulta principalmente da qualidade dos elementos de cantaria, trabalhados na dimensão e proporcionalidade ajustados.

O interior da capela, singelo e intimista, é guarnecido por um único retábulo em talha pintada e dourada, que segue a expressão artística do barroco dito de “estilo joanino” com as suas características colunas torsas ou salomónicas. É uma obra de talha que revela uma certa simplicidade do mestre entalhador, não deixando de evidenciar alguns elementos escultóricos de valor, tais como as colunas torsas, devendo admitir-se como obra de caráter local e popular. Talvez pertencesse a outro templo, mais pequeno, sendo posteriormente adaptado a esta capela. Recentemente foi repintado com tintas desadequadas, perdendo-se, de todo, a perceção do pormenor da talha e da policromia e do douramento originais.

A imagem de Cristo Crucificado, elemento central da composição, é muito interessante e revela um naturalismo algo perturbador. Também a imagem de Nossa Senhora das Dores, que completa a composição iconográfica, impressiona pelo seu realismo.



Figura 2 - Capela do Senhor do Calvário

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Podemos situar a construção desta capela por volta da segunda metade do século XVIII, embora seja certo – como nos demonstram as Memórias Paroquiais – que antes terá existido uma outra, sucessivamente reformada e ampliada. Assim, o monumento que hoje podemos contemplar é o resultado das diversas intervenções que este edifício foi sofrendo, no sentido de se adaptar às exigências do culto e da devoção dos fregueses. Esta evolução terá sido ainda determinada pela utilização desta capela como igreja matriz durante um longo período do século XVIII. Dessa fase da vida deste templo restou a velha pia batismal, para aí transferida durante o período de interdição da velha igreja paroquial.



Figura 3 - Capela de Santo António

O edifício é constituído por nave, capela-mor e sacristia. As suas paredes são de cantaria rebocada e pintada de branco com cunhais e molduras em aresta viva. Na frontaria, logo acima do portal e ocupando parte do frontão, uma fresta permite a entrada de luz natural para o templo. O

remate do entablamento é feito com uma pirâmide no lado esquerdo. O lado direito é sobrepujado por uma torre sineira em cantaria trabalhada artisticamente. Os vértices das empenas são encimados por cruzes de pedra.

Interiormente, a capela está um pouco alterada devido à sua recente adaptação a capela mortuária. O altar-mor, consagrado ao orago da capela, e os dois altares laterais são exemplares de estilo neoclássico.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Trata-se de uma capela de fundação muito antiga, conforme se pode observar numa inscrição colocada no seu interior, sobre o lavatório da sacristia. A inscrição consta do seguinte: ESTA CAPELA FOI FUNDADA NO ANNO DE 1670 PELOS DEVOTOS DE N. SENHORA; E REEDIFICADA POR OUTRO DEVOTO NO ANO DE 1798.

Nada sobreviveu do edifício original. Globalmente, a arquitetura atual da capela resulta das obras de reedificação efetuadas em finais do século XVIII. Sobressaem os dois campanários que conferem maior verticalidade à fachada, disfarçando-lhe a grande sobriedade decorativa. O interior exhibe um belo retábulo neoclássico, ao centro do qual se observa a imagem de Nossa Senhora da Piedade, na versão de uma *pièta*, Maria com Jesus morto nos braços, ladeada das imagens de Maria Madalena e de São João, que completam o conjunto.



Figura 4 - Capela de Nossa Senhora da Piedade